



Cleodon Silva, militante histórico e inventor

Discutir as práticas da Casa dos Meninos nos últimos tempos sem resgatar parte da trajetória de Cleodon Silva é se aventurar em uma história incompleta. Muito do que há de novo e interessante na discussão da Casa é fruto da experiência de vida e de militância de Silva. Considerável parte do histórico a seguir, bem como todos os trechos que figuram como citações, foram extraídos da entrevista com Silva realizada pela pesquisadora Agnes Mariano, em 2009. Complementam o texto documentos do Instituto Lidas, material presente no site do Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas (IIEP)⁴ e notas de minhas conversas com Silva. Os grifos no texto são de minha autoria.

Silva nasceu em 1949, na cidade de Garanhuns, estado de Pernambuco, filho de um enfermeiro e uma servente do hospital local. Já adolescente, um ano antes do golpe militar de 1964, começa a se envolver com representação política estudantil secundarista. Nos dias do golpe, 31 de março para 1º de abril de 1964, o jovem ajuda a interromper as atividades na escola, a espalhar cartazes de greve pela cidade, e é então que vê, pela primeira vez, no que constituiu momento marcante, um mimeógrafo no sindicato dos bancários locais. Nesse mesmo dia, vê também a violência política pela primeira vez: os militares enchem a rua de metralhadoras, invadem o sindicato dos bancários e fazem uma fogueira na rua com todos os livros ali encontrados. Silva passa os dois anos seguintes praticamente internado na biblioteca local, estudando política, filosofia, sociologia, entre outros temas. Em 1967, Nilmário Miranda (que posteriormente foi ministro de Direitos Humanos do Governo Lula) chega a Garanhuns com material de propaganda marxista, que é devorado pelos jovens locais alinhados mais à esquerda, incluindo Silva.

Ainda em 1967, Silva participa da organização do congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) no estado de Pernambuco. Nesse encontro, duas particularidades o marcam. A primeira – e se trata da segunda menção política a um objeto técnico na sua entrevista autobiográfica – é o uso do rádio. Em dado momento do congresso, um estudante consegue sintonizar a Rádio Havana e todos ouvem um discurso de Fidel Castro. A segunda particularidade era a premência do que entendia como “situação concreta”. Durante o congresso, as discussões orbitavam na aliança operário-estudantil-camponesa e em oposição ao acordo MEC-USAID, que se lia como uma infiltração imperialista no ensino brasileiro. *É então que Silva pede a palavra e levanta o problema da situação concreta do aluno na sala de aula e as dificuldades encontradas nos locais de ensino, pois avaliava que, embora os pontos até então discutidos fossem importantes, eles*

4. Instituto que, entre outras atividades, recolhe, preserva e conta a história das lutas da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (Monsp) nas décadas de 1970 e 1980. Mais informações em: <<http://www.iiep.org.br>>. Acesso realizado em: 21/08/2013.

ficariam no abstrato, não desceriam aos problemas da forma como eram percebidos pelos alunos no dia a dia: “Eu verifiquei que o pensamento na situação concreta é importante. Se tirar isso, vai ficar etéreo. Vai ficar sem lugar”.

Nesse mesmo congresso, Silva recebe de outro militante dois livros que o marcam: *A concepção materialista de História*, de Plekhanov, e *ABC do Comunismo*, de Bukharin. Devora ambos e passa a se afirmar, já sem dúvida alguma, como comunista.

Em 1969, ingressa no Grupo Armado de Propaganda (GAP), sua primeira agremiação de esquerda. Em uma ação no Recife, participa de um tiroteio contra as forças do regime. Nesse momento, Silva também se via politicamente próximo à Política Operária (Polop), a qual passa a integrar. Ainda em 1969, criticando a falta de ação e o excesso de estudo que via na Polop, passa para o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), onde é designado para compor a Comissão de Campo. Isso porque, a partir daquele ano, Silva começa a trabalhar em uma entidade dirigida pelas mulheres dos usineiros pernambucanos, a Cooperar na Arte (Cooperarte). A vivência o faz tomar contato com as condições dos trabalhadores do plantio de cana-de-açúcar no estado. *Realiza, pela primeira vez, um feito que, muitos anos depois, repetiria: transformar um trabalho de caráter assistencialista, para o qual havia sido convidado, em um trabalho de formação política.* Não dura muito no emprego: durante uma das primeiras reuniões de discussão política que promove no horário de trabalho, é interrompido por um capataz com uma espingarda calibre 44 e um revólver .38, e é “gentilmente” carregado de jipe para Recife, e demitido.

No ano de 1969, tem um filho com sua então namorada, que passa a ser sua esposa.

Em 1970, Silva começa seu primeiro trabalho com dados públicos, por meio de um concurso da Fundação Instituto de Administração Municipal (Fiam), onde atua no plano plurianual da cidade de Caruaru para os anos de 1971 e 1972. Ainda em 1970, sai da Comissão de Campo e decide ir para a Comissão de Fábrica do PCBR. Ninguém de sua célula política concorda com o deslocamento, mas isso não impede que o militante o realize mesmo assim. Por meio de um contato, Zé de Brito, junto à Aliança Libertadora Nacional (ALN), do militante Carlos Marighella, consegue um emprego numa fábrica de fertilizantes. Quando Zé de Brito e os demais militantes da ALN naquela fábrica são presos, Silva descobre que *a ALN estava fabricando, em turno extra e com as mesmas máquinas que lá havia, espingardas, das diversas peças até a munição, graças à inventividade de um ferreiro militante que*

lá trabalhava e ao qual Silva inclusive ensinou a escrever o próprio nome. Depois dessa experiência, Silva ainda trabalhou em diversas fábricas, por quase vinte anos.

Como o clima no Recife estivesse crescentemente tenso – e Silva já aparecesse em sete processos com seu nome de guerra –, por sugestão e com ajuda de um padre da Ação Católica Operária, Silva vem para São Paulo. Antes de partir, é praticamente expulso do PCBR por se recusar a revelar o paradeiro de um militante que estava com a morte decretada pela própria organização.

Chega a São Paulo em 1971, com contatos junto à Polop e à Pastoral Operária, destacadamente Waldemar Rossi, militante renomado. Numa solução engenhosa, passa a adotar o próprio sobrenome como nome de guerra: “Comecei a usar o sobrenome: Silva. E Silva é o anonimato assinado. Isso me ajudou bastante”. Por conta de sua militância, fica oito anos sem poder ver o filho, e, em certo momento, recebe carta de sua esposa, constantemente seguida por agentes dos órgãos repressivos à paisana, pedindo o divórcio.

Silva segue o trabalho nas fábricas, e paulatinamente vai se aproximando da gestão de processos, do controle de qualidade. Sempre trabalhando clandestino na organização de trabalhadores, começa a compreender e a se interessar mais e mais pelos processos produtivos. Conta que, certa vez, um sócio da Ardea, a empresa onde então trabalhava, lhe mostrou um máquina gigantesca, de meio quarteirão, que tinham acabado de perder, pois um processo novo, um simples conta-gotas de plástico, a tinha tornado completamente desnecessária. “Para mim, foi uma aula de produção, do sucateamento das coisas. Uma inovação, a invenção do conta-gotas, sucateou uma máquina que tinha o tamanho de um quarteirão”, recorda o militante, e complementa: “*Quando vi aquela coisa toda, a dinâmica da produção, eu ficava me perguntando quais as informações necessárias e como os trabalhadores iriam dar conta de assumir. Não só a questão do domínio da técnica, mas saber a hora que interessa a substituição de uma tecnologia por outra. Como operar tudo isso e tomar decisões políticas que iriam implicar em uma economia, ou impacto no meio ambiente, ou, enfim, todas essas questões que são colocadas.* Tinha gente que trabalhava lá há 10 anos e nunca conheceu o outro lado da fábrica. Nem sabe, nem consegue ter na cabeça o fluxo da produção da fábrica em que trabalha”.

Por esse tempo, Silva começa a refletir também sobre o impacto que a adoção de novas tecnologias causava na saúde do trabalhador, observando que, “no Brasil, a violência da produção capitalista tem números de uma guerra civil”. Outro exemplo que utilizava, mais recentemente, era o das nanotecnologias, alertando

para seu difundido uso em contraste com o fato de não haver “nem um estudo do que é que essas nano-partículas vão provocar no organismo”.

Em fins de 1972 e início de 1973, o militante integra a primeira turma do curso de metalurgia do Senai e passa a trabalhar na Vidraria Santa Marina, onde participa de mais uma série de cursos. “*Então, aprendi. Eu entrava dentro de uma fábrica, batia o olho e já fazia, já identificava na hora todos os circuitos: elétrico, hidráulico, pneumático. Enfim, todos os fluxos da fábrica eu imediatamente levantava*”, recorda.

Sua curiosidade se desenvolve cada vez mais, e Silva termina por aprofundar-se no tema da automatização pneumática e, a partir daí, no processo de retroalimentação: “Isso me chamou muito a atenção. A questão de um sinal que se emite, chega a determinado local, produz algo que, por sua vez, devolve o sinal. *A questão da retroalimentação foi uma coisa que me marcou muito e fiquei com aquilo na cabeça, no sentido da utilização dessa questão em outras áreas*”.

Em 1973, enamora-se novamente por uma militante. Silva passa os primeiros quatro meses em que moraram juntos sem saber o verdadeiro nome de sua companheira, por questões de segurança, em mais uma expressão emblemática da violência decorrente do repressivo regime militar.

Silva também atua na direção do movimento de Oposição Metalúrgica de São Paulo (OSM), grupo de oposição ao chamado sindicalismo pelego, entre 1971 e 1972, afastando-se e retornando em 1975. A OSM tinha uma visão particular e crítica ao modo tradicional de se fazer sindicalismo, mesmo quando comparada a grupos de esquerda. À proposta do grupo de metalúrgicos do ABC e de seu presidente Lula da necessidade de um “representante sindical”, contrapunham a proposta de “comissão de fábrica”. As referências políticas para as formulações da OSM e de Silva eram, entre outras, a Comuna de Paris, os soviets, os Comitês de Turim, a Central Operária Boliviana, experiências nas quais a construção pela base surgia como um dos elementos centrais. Eram referências bem diversas das que hoje são mais discutidas pela historiografia. Novamente a dimensão local, de ligação com a base, aparece na biografia de Silva.

Em 1975, começa a desenvolver formas de comunicação operária: “Chegava em casa, tinha uma máquina de escrever, estêncil, fazia tudo no estêncil ainda. Eu escrevia o boletim, datilografava no estêncil, rodava e ainda conseguia colocar alguma figura. Desenhava uma figura no estêncil. Tem uma técnica especial para isso. Rodava no reco-reco, não era nem mimeógrafo. Eu tirava 100 cópias em 20 minutos, saía como se tivesse sido feito numa gráfica. A qualidade do boletim

[era tal, que] você olhava e pensava que saía de um offset ou de um mimeógrafo elétrico”. Silva busca, nos turnos, o melhor momento para distribuir os boletins sem ser visto, e chega ao horário do almoço, quando a chefia não poderia saber, ao certo, se alguém da turma da manhã tinha deixado o material, ou se tinha sido trazido por alguém da turma da tarde. Trabalhando na Arno, Silva fazia os boletins sozinho: “É a questão da criatividade e da análise do momento, das possibilidades do momento. Quer dizer, eu aprendi a tecnologia de imprimir, os macetes da relação dentro da fábrica, os fluxos. Não existia um método para se chegar a isso, não existia nenhuma metodologia para isso, mas eu estava desenvolvendo, desenvolvi todo um conjunto”.

Em 1978, vivencia ativamente sua primeira greve. Trabalhava, então, na metalúrgica Barbará, na zona sul de São Paulo. Nesse período, desenvolve outros mecanismos de comunicação operária interna à fábrica: comprava os jornais, tirava fotocópias e montava uma publicação alternativa. “Nas minhas idas ao banheiro, eu recortava os artigos e, com um bastão de cola, montava os artigos do jornal de interesse ali. Quando estavam anunciando as primeiras greves, eu montava um jornalzinho dentro do banheiro da fábrica, cortando, e colocava em um plástico, colocava as coisas e escrevia uma pergunta, alguma coisa entre uma matéria e outra, com caneta mesmo. Colocava dentro de um plástico, porque o pessoal trabalhava muito com óleo, [colocava] o plástico e um desenho do outro lado. O pessoal lia, inclusive, na hora do trabalho. *Se chegasse um chefe, era só virar a página com o desenho da peça que você estava produzindo. Então tinha esquema de burlar a vigilância e o controle patronal*”, recapitula.

Ainda em 1978, a OSM ganha as eleições sindicais, mas não toma posse. A ditadura intervém, através do Ministério do Trabalho, e empossa novamente Joaquim Santos Andrade, o pelego Joaquinzão, como presidente do sindicato. O documentário “Braços cruzados, máquinas paradas”, de 1979, dirigido por Roberto Gervitz e Sérgio Toledo, registra esse momento histórico, contando, inclusive, com uma fala de Silva no episódio dessa eleição sindical.

A partir das ações da greve de 1979, durante uma das quais morreu o trabalhador Santo Dias, pelas mãos da repressão policial, e com a entrada do Partido Comunista no sindicato, junto ao grupo de Joaquinzão, principia um momento de mais atritos e até violência física entre as próprias frações de esquerda que disputavam os sindicatos. No fim de 1979, acaba também a Polop como grupo político organizado, embora parte desse grupo tenha se mantido na militância sindical em São Paulo.

Entre 1978 e 1989-90, um fenômeno curioso se espalha pela cidade. São os cordéis militantes que passam a circular de quando em vez pelos espaços operários e políticos da cidade, sempre com uma imagem na capa e com uma poesia sobre a luta, a situação de classe e a situação política – situação que poderia advir de uma fábrica ou do Brasil como um todo. Os cordéis são assinados por um nome que ninguém conhecia e tão cedo não viria a conhecer: Pedro Macambira (Figuras 1 a 4).

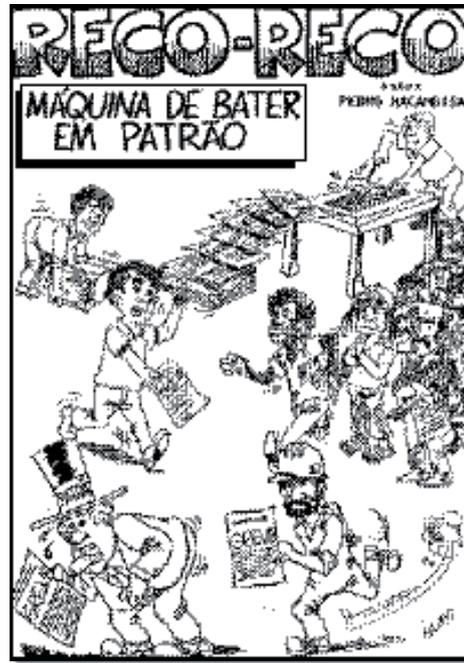
Os cordéis de Pedro Macambira tinham títulos sugestivos, como: *O candidato honesto que engana todo mundo*, *Conversa de três pelegos com satanás*, *A greve da Barbará e o carrasco Diamantino*, *A aparição de Paraíba e os abusos da Jurubatuba*, *Nós e os patrões, um desafio de morte* e *Reco-reco: máquina de bater em patrão*, este último um cordel no qual ensina os operários a construir sua própria imprensa, inclusive com plantas técnicas da construção de reco-recos.

Apenas em 1985, Cleodon Silva admite ser Pedro Macambira seu pseudônimo. Anos depois, esse material foi coletado e impresso, com prefácio do sociólogo Florestan Fernandes. Os cordéis e o prefácio estão disponíveis no site: <http://www.iiep.org.br/index1.html>.

Com a fama de ser da direção da OSM, somada ainda com a assunção da identidade de Pedro Macambira, começa a ficar cada vez mais difícil para Silva conseguir emprego em fábricas. Passa a ter de se transformar para cada entrevista na qual vai: “Tive que aprender e desenvolver toda uma técnica de falsificação de carteira profissional. A minha questão era falsificar para trabalhar”.

Em 1987, em mais uma disputa do sindicato dos Metalúrgicos, a OSM conseguiu a lista de filiados do Sindicato, e coube a Silva passar os dados daquela fita magnética para disquetes – na época 3:4, os “bolachões”. Silva viajou até Belo Horizonte para transferir os dados na sede do sindicato dos bancários, tendo sucesso na operação e voltando a São Paulo com caixas e caixas de disquetes com a informação dos filiados.

Na capital paulista, encontra um programador que trabalhava com banco de dados, e acompanha os passos desse profissional enquanto ele fazia a transferência e lia os disquetes. “Fiquei ouvindo o programador discutir com o computador como se este fosse uma pessoa, e [fiquei] pensando naquilo”, relata. Foi a primeira vez que ouviu falar em banco de dados e em como organizar a informação. Pouco depois, duas preocupações o levam a procurar um programador: a primeira era a realização do mapeamento das empresas metalúrgicas na cidade, criando microrregiões, para que os militantes pudessem ter maior conhecimento das fábricas



Figuras 1 a 4 – Cordéis de Pedro Macambira

nesses espaços delimitados; e a segunda, no campo da saúde, se tratava de referenciar os trabalhadores das fábricas ao sistema público de saúde, pois os médicos das fábricas cumpriam antes o dever de informar os patrões sobre as doenças, ao invés de assessorar os trabalhadores, ficando muito difícil demonstrar que uma doença fora causada pelo processo produtivo de uma fábrica e responsabilizá-la por isso. O trabalhador era demitido antes dos sintomas se agravarem.

O programador procurado então lhe explicou que, com a informação disponível de dada forma, era possível fazer uma programação que contemplasse tais e tais quesitos. Segundo Silva, “foi um estalo! Pronto, isso mudou minha vida, *foi quando eu vi pela primeira vez a lógica da programação, a articulação dos códigos de programação. Mudou tudo na minha vida. Tudo que eu estava fazendo, todos os limites que eu estava encontrando foram sendo quebrados*”. É a partir daí que começa seu trabalho de localização da informação no espaço urbano, programando ainda em DOS e relacionando o dado que estava no computador com o mapa em papel que estava ao lado. Seu relato dá conta de que, à época, a localização via satélite da coordenada geográfica tinha um erro, uma margem propositadamente colocada pelos Estados Unidos que estavam no controle do sistema.

Silva foi aos poucos migrando para a discussão de sistemas de informação. Em 1988, funda o Instituto Lidas – Ligas em Defesa do Ambiente e da Saúde, originariamente voltado para a questão do ambiente e saúde do trabalhador, mas que, a partir de 1990, começa a se dedicar também à questão de políticas urbanas com ênfase nos filhos de trabalhadores. O Lidas existe até hoje e sempre serviu como um ambiente de trabalho para Silva, auxiliando tanto em suas necessidades materiais como no financiamento das lutas nas quais se envolvia.⁵ Em 1992, pelo instituto, Silva apresentou um projeto junto à ECO 92 que partia de uma ideia interessante, cuja realização ainda não tinha sido feita antes: fazer o cruzamento da malha urbana de ruas com o mapa de bacias e sub-bacias hidrográficas e com o cadastro industrial do Senai de empresas com mais de cinco trabalhadores. Na época, a representação na tela do computador ainda não era em mapas, não se visualizava com imagens gráficas. “Com esse cruzamento, a partir do código nacional de atividade econômica e do endereço de uma empresa, *se achasse numa sub-bacia, num córrego, mercúrio, chumbo ou metais pesados, poderia inferir, por tipo de atividade produtiva e insumos utilizados nessa produção, exatamente qual era a empresa que estava poluindo*”. Como era de se esperar, o projeto foi muito mal aceito pelos empresários e pela área do governo responsável pelo Programa de Despoluição do Tietê à época, pois a ideia central do programa não era, segun-

5. Mais informações sobre histórico, funcionamento e outros dados podem ser encontrados em <<http://www.lidas.org.br>>. Acessado em: 21/08/2013.

do Silva, a efetiva despoluição do Tietê: “O programa de despoluição foi usado por uma determinada faixa de empresários, que pegava o dinheiro da despoluição do Tietê para reequipar, fazer inovação tecnológica na maquinaria. Foi usada essa grande massa de dinheiro por interesses particulares”.

Em moldes semelhantes, durante o governo de Luiza Erundina na cidade de São Paulo, entre 1989 e 1993, Silva fez o georreferenciamento de crianças nas creches, usando dados como local de moradia e trabalho do pai e da mãe, de forma que as crianças pudessem ir de fato para a creche mais conveniente e com o menor deslocamento possível. Note-se que esse cruzamento de dados sobre moradia e local de trabalho para determinar escolas mais convenientes é algo que o sistema informatizado escolar público da cidade de São Paulo, o Educação OnLine, ainda não fazia até o ano de 2012.

Outra experiência que o marcou foi georreferenciar, para o Sindicato dos Motoristas de São Paulo, todos os dados profissionais e de moradia dos filiados – quem era da comissão de garagem, quem era da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa) etc. “Foi um fiasco”, conta Silva. Em um primeiro momento, os representantes do Sindicato ficaram maravilhados, mas, pouco depois, admitiram que fizeram um pacto para recusar o sistema. A justificativa era simples, conta Silva: “Porque se uma tendência (interna do sindicato) pegasse aquilo ia acabar com as outras. A questão da transparência, um monte de coisas ficava muito visível. Foi uma grande decepção na minha vida”. E a história se repetiu em outras experiências com o sindicalismo. “Dentro do movimento sindical, não tem vez. Nesse movimento, não entra. *Não é nem o geoprocessamento, é a questão da transparência. Não entra nesse movimento sindical que nós temos*”, analisa, e ilustra: “[Em certo sindicato], era a coisa mais horrorosa que tem. Queria utilizar tudo só do ponto de vista do controle, realmente na questão do controlar, monopolizar e estabelecer o pensamento único”. Ainda assim, Silva produziu mapas de risco para alguns sindicatos, como o Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp), para o qual, numa interface saúde do trabalhador - local de trabalho, realizou os mapas de algumas unidades, como a Física e a Química.

Silva argumenta que as tecnologias de comunicação mais presentes, como então o telefone, poderiam ampliar a transparência do movimento sindical até nos momentos que a historiografia hoje caracteriza como centrais para o restabelecimento da democracia, como as assembleias metalúrgicas do final da década de 1970 em São Bernardo, no estádio da Vila Euclides. O militante afirma que nunca estivemos de fato tão próximos, como hoje, da possibilidade de concretizar o

6. Essa é uma reflexão interessante para se pensar através da teoria de Foucault. Mesmo dentro de uma sociedade disciplinar, há formas mais ou menos violentas de exercício do poder. O que acontece quando dentro de uma sociedade há uma súbita escalada de violência no exercício do poder, como aconteceu nos países latino-americanos nas décadas de 1960 e 1970? Como um processo de individuação se metamorfoseia com uma ruptura deste tipo? E como isso impacta subjetividades e culturas políticas, inclusive as de contestação ao regime?

mote: “trabalhadores de todo o mundo: uni-vos”. Para ele, “todas as condições estão dadas, o capitalismo desenvolveu a possibilidade de produzir a aproximação de todos os trabalhadores do mundo”. Mas alerta: “*Ainda estamos na ditadura dos dirigentes*”.⁶

Em 1993, Silva participa de uma última greve como metalúrgico, é demitido e desiste de procurar trabalho na área, coisa cada vez mais difícil de conseguir, dada sua história. Passa a viver, ou como dizia, “sobreviver”, basicamente do geoprocessamento de dados: “Era mais para pagar as dívidas. E estava sempre assim, correndo da mão para a boca, da mão para a boca”.

Nesse mesmo período, uma dúvida política assume o centro de seus questionamentos: “*Eu estava com muitos dados e sem um método de apropriação. Porque a grande questão é como se apropriar, como o cidadão comum se apropria das bases de dados hoje*”. E foi aí, ao ler um artigo de Milton Santos na revista de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que lhe adveio mais uma epifania voltada para a dimensão local. O artigo era “Elementos espaciais, uma questão de método” e, segundo Silva, “encaixou tudo o que eu estava fazendo, tudo, com o método desenvolvido por Milton Santos. *Ele trazia a questão dos elementos espaciais básicos e a relação do indivíduo com o território. Começou o conceito da ‘área de vivência’, que é até onde ele absorve a informação em termos territoriais. É na área onde ele corta o cabelo, ele compra, bebe, joga, se diverte. É nessa área de predominância de circulação que ele pega as informações. Vai juntando e constrói, nesse ambiente, o saber popular, que é a base da movimentação dele. Quando eu descobri isso, descobri a possibilidade de juntar o saber popular e agregar o saber científico, na mesma escala. E aí se dá a revolução, se dá um salto de qualidade, porque o saber popular começa a ter base científica. E o saber científico começa a ter a possibilidade de reforçar, de utilizar a força do saber popular*”.

Em 1999, Silva é convidado para dar um curso de informática na zona sul de São Paulo, por meio de uma parceria entre o Instituto Lidas e o que era então mais uma ONG assistencialista na periferia, chamada Casa dos Meninos. Desencadeia-se, então, mais uma reviravolta na vida de Silva, que será narrada a seguir, por meio dos projetos desenvolvidos na Casa dos Meninos de 1999 para cá.

Foi esse sujeito brevemente descrito acima que abriu a porta de sua casa para mim no dia seis de maio de 2010 e disse coisas como: “as novas tecnologias podem modificar a cultura política da esquerda”, “o instrumental para fiscalização efetiva da direção pela base não existia, hoje existe”, “os mapas construídos em tempo real [com os jovens da periferia], são subjetivos, mas constroem encami-

nhamentos objetivos” e “vai haver uma tentativa [das velhas elites] *de colocar o usuário de tecnologias da informação como se fosse um usuário de drogas. Mas de drogas digitais*, o que vai ser um problema muito grave, uma tentativa de, tal qual o rádio e a televisão antes, alienar o usuário” e “*estamos num momento crítico na possibilidade de uso de TI de forma emancipadora, da constituição dos indivíduos como sujeitos. Inclusive o papel da esquerda. Temos de encontrar um caminho*”, entre tantas outras.

Em sete de junho de 2011, após uma internação por problemas cardíacos, Cleodon Silva morreu aos 61 anos de idade. Ainda em 2011, um coletivo de hackers e de desenvolvimento de software livre, ligado a diversos Pontos de Cultura e ao Pontão de Cultura Nós Digitais, surge com sede principal em São Carlos e é batizado como Lab Macambira, em homenagem ao pseudônimo literário e revolucionário de Cleodon Silva⁷. Há também um vídeo em homenagem a Cleodon Silva produzido pelo IIEP⁸, que cuida também do “Projeto Memória da Oposição Sindical Metalúrgica”. Célio Turino, que foi Secretário de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura nas gestões de Gilberto Gil e Juca Ferreira (a secretaria responsável pelo Programa Cultura Viva, o programa dos Pontos de Cultura) deu, em novembro de 2012, uma entrevista à revista Fórum⁹, na qual homenageia Cleodon Silva e propõe que a plataforma para o Cadastro Nacional dos Pontos de Cultura seja chamada Plataforma Macambira como tributo ao codinome que Silva adotou em sua luta contra a ditadura. Também muitos dos coletivos novos de cultura digital e dos pontos de cultura o conheciam. Uirá Porã, da prefeitura de Fortaleza e figura constante nas discussões de cultura digital e pontos de cultura, o lembrou no programa de televisão na internet organizado pelo coletivo Fora do Eixo, a POSTV, durante o Festival Internacional de Software Livre (FISL) em Porto Alegre, em julho de 2012. Fred do movimento de midialivismo o citou em sua fala na Oficina de Inclusão Digital e Participação Social em Porto Alegre, em novembro de 2012. Em 2013, a Subprefeitura do M’Boi Mirim pediu à Casa dos Meninos que escolhesse uma praça sem nome na região, e há na região dezenas de praças sem nome, para que esta fosse nomeada pelo poder público como “Praça Cleodon Silva”. A escolha está em processo, e provavelmente a praça escolhida será uma próxima ao endereço da Casa dos Meninos.

O fim da entrevista dada a Agnes Mariano também é bastante esclarecedor de uma personalidade que, mesmo depois de apanhar tanto nos desvãos da vida e da política, não deixa nunca de sorrir, pois falando sobre a questão mais atual, do questionamento dos governos a partir das TICs, Cleodon Silva concluiu a entre-

7. Pode ser visitado em <<http://labmacambira.sourceforge.net/>>

8. O vídeo pode ser visto em <<http://www.youtube.com/watch?v=D7Lz82m2m2I>>

9. A entrevista pode ser lida em <<http://revistaforum.com.br/brasilvivo/2012/11/30/a-lei-cultura-viva-venceu-mais-uma-etapa-na-sua-corrida-de-obstaculos- agora-e-a-vez-da-plataforma-macambira/#.ULgtowltio4.twitter>>

vista: “Agora o bicho pegou. É essa a minha alegria e é a questão velha lá que eu levantei no primeiro congresso da UBES: a questão de desocultar a realidade e intervir o mais próximo possível da situação concreta. Tenho o que comemorar. Está pegando, está pegando”.

Principais projetos do Casa dos Meninos no período entre 1999 e 2010: